

Crianças e Tecnologia: um perfil de uso das mídias e ambiente virtual

Children and Technology: a profile of media usage and virtual environment

Título em inglês

Raul Aragão Martins

Psicólogo formado pela UNISAL, campus de Lorena (1977), Mestre (1986) e Doutor (1991) em Psicologia, pela Fundação Getúlio Vargas - RJ. Pós-Doutorado em Drogadependência pela "The University of Washington" (Seattle, USA). Atualmente é professor associado do Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista - UNESP e credenciado como professor e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação, da mesma universidade, campus de Marília.

Email: raul.martins@unesp.br

Ayvin Tatiele Souza e Souza

Mestre em Ensino e Processos Formativos (2020), na linha de pesquisa "Infância e Adolescência" pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) – campus de São José do Rio Preto, orientada pelo Professor Dr. Raul Aragão Martins, com pesquisa direcionada para o uso de tecnologia por crianças. Licenciada em Ciências Biológicas e Bacharel em Ciências Biológicas com ênfase em Biologia Animal, também pela UNESP. Atuo como professora e monitora em escola privada.

Email: ayvintatiele@gmail.com

Resumo

Na contemporaneidade, as tecnologias da comunicação e informação (TIC) tem tomada muito espaço e interferido em valores, comportamentos e interação entre os indivíduos. A utilização do ambiente virtual e do consumo de mídias é algo que vem ocorrendo desde muito cedo entre as gerações atuais, podendo estar relacionado com o fato de já nascerem inseridas em um mundo tecnológico e digital. Esta situação desperta questionamentos em relação à exposição em excesso no ambiente virtual, e a perda da privacidade e segurança digital, o que tem levado à criação de legislações que objetivam a proteção de dados e identidade que circulam na rede de computadores. Nesta perspectiva o trabalho realizado teve o objetivo de investigar o que as crianças estão acessando na rede de computadores, acesso a materiais de conteúdo adulto, e como ocorre (e se ocorre) a mediação da família. Entender o perfil de acesso às TIC das crianças entrevistadas e de seus cuidadores é necessário para que se possa saber como mediar a relação dos indivíduos mais novos com um mundo digital e virtual que permeia nossas relações, trabalho e lazer. O trabalho foi realizado com 66 crianças do sexto ano do ensino fundamental e com seus cuidadores, em que foram aplicados questionários sobre a utilização de mídias e critérios socioeconômicos. A análise dos dados possibilitou observar que os aparelhos de telefonia móvel são os principais meios utilizados pelas crianças para acessar a internet, e esse acesso se dá prioritariamente em ambiente doméstico. Foi notado também que as estudantes do sexo feminino passam mais tempo em redes sociais em relação aos meninos, que em contrapartida dispõem maior tempo com jogos. Sobre a mediação, é necessário que os cuidadores conversem e proponham uma discussão crítica com as crianças, sobre segurança de dados, exposição e conteúdos acessados para fomentar o desenvolvimento da capacidade crítica e capacidade de lidar com o que é exposto na rede.

Palavras-Chave

Infância; Internet; Tecnologia; Mídia.

Abstract

Nowadays, communication and information technologies (ICT) have taken a lot of space and interfered in values, behaviors and interaction between individuals. The use of the virtual environment and the consumption of media is something that has been happening very early among current generations, and it may be related to the fact that they were born inserted in a technological and digital world. This

situation raises questions regarding excessive exposure in the virtual environment, and the loss of privacy and digital security, which has led to the creation of legislation aimed at protecting data and identity circulating on the computer network. In this perspective, the work carried out aimed to investigate what children are accessing on the computer network, access to adult content materials, and how the mediation of the family occurs. Understanding the profile of access to ICT of the interviewed children and their caregivers is necessary in order to know how to mediate the relationship of younger individuals with a digital and virtual world that permeates our relationships, work and leisure. The work was carried out with 66 children from the sixth year of elementary school and their caregivers, in which questionnaires were applied on the use of media and socioeconomic criteria. Data analysis made it possible to observe that mobile telephones are the main means used by children to access the internet, and this access takes place primarily in the home environment. It was also noted that female students spend more time on social networks compared to boys, who, on the other hand, spend more time playing games. About mediation, it is necessary that caregivers talk and propose a critical discussion with the children, about data security, exposure and accessed content to foster the development of critical capacity and ability to deal with what is exposed on the network.

Keywords

Childhood; Internet; Technology; Media

Introdução

A invenção da escrita, há cerca de 6.000 anos da época atual, permitiu que a humanidade transmitisse os conhecimentos de uma geração para outra de forma mais precisa, não dependendo somente da memória das pessoas e, também, que elas se comunicassem, mesmo uma estando distante da outra. Vários suportes foram utilizados para divulgá-la, das tábuas de argila ao pergaminho, chegando ao papel, que já estava bem difundido na Europa, no século XV da era cristã. A disponibilidade deste produto e a procura por materiais escritos levou a mecanização da produção de textos, com a invenção da prensa tipográfica no início da Era Moderna. Esta tecnologia aumentou o número de pessoas que sabiam ler e escrever, mas ficou restrita, principalmente, ao mundo dos adultos. O tempo que uma criança levava para se apropriar deste conhecimento dependia do grupo social em que nascia.

Este domínio dos livros permaneceu intocado até o advento dos computadores, na metade do século XX, equipamentos que realmente são incorporados ao cotidiano das pessoas no final deste século e início do XXI. Esta passagem da produção material do livro para a sua produção digital permitiu, também, a criação de outras mídias digitais e o surgimento da internet. Estas produções, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) tomaram um espaço muito significativo na sociedade atual. Elas têm influenciado os comportamentos, valores e inter-relações entre os indivíduos (MENEZES, 2016). Podemos considerar que as gerações atuais cresceram em companhia das TICs e com acesso a todas as informações contidas na rede e na mídia digital, como a televisão, o videogame e os telefones celulares, entre outros equipamentos eletrônicos (PALFREY, 2011; VARELA, 2015).

Castells (2011), considera que as transformações nos meios de tecnologia da informação, que antes se desenvolviam de forma branda, passaram a ter um desenvolvimento aos saltos dando início ao que se chama de revolução tecnológica. A disseminação de notícias, informações, filmes, músicas começou a ocorrer por imagens que falam por si próprias e podem ser vistas e interpretadas por todos, de diferentes formas, e meios a todo momento, seja por adultos ou por crianças (POSTMANN, 1999). Estas mídias, adotando a posição defendida por Gomes (2001) e Fisher (1996), são o meio pelo qual uma informação pode ser transmitida, não levando em consideração somente os meios tradicionais como rádio e jornal, mas todo o meio que se possa transmitir uma cultura e mensagem para as massas

Essa situação se consolida com a invenção da televisão, que foi um marco que possibilitou que adultos e crianças passassem a ter acesso facilmente as mesmas programações, algo que apenas se tornou mais massificado com a criação e com advento da internet e das redes sociais no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000. O acesso à informação passou a ser cada vez mais rápido e possível de todos os lugares que o indivíduo estiver (ABRÃO et al., 2015), assim como a utilização de videogames e plataformas de *streaming*, tudo com os aparelhos celulares/smartphone.

Mesmo possibilitando maior rapidez na comunicação e interligando pessoas ao redor do mundo, as TIC necessitam que o usuário tenha cuidado ao utilizá-las visto a capacidade de moldar opiniões e comportamentos que elas possuem. Um público mais sensível com a disseminação de informações é o de crianças e adolescentes, os quais podem ficar vulneráveis nesse ambiente e necessitar de uma maior supervisão dos responsáveis para que continuem utilizando as TICs com maior segurança (OLIVEIRA; PAULO, 2008). Esta preocupação se deve ao fato que no tempo atual, as crianças possuem acesso a informações que em outras épocas eram restritas aos adultos ou a quem soubesse interpretar e compreender o que estava sendo transmitido, principalmente se a informação estivesse na forma escrita. Com essas transformações, os novos usuários acabam se expondo mais no ambiente virtual da rede mundial de computadores do que ocorria anteriormente, mesmo muitas vezes não o compreendendo (PALFREY, 2011).

É necessário ter a noção de que, nas redes sociais e na interação on-line, pode haver adultos que busquem crianças vulneráveis, há a presença de pornografia, imagens de violência, *bullying* digital e tantas outras formas de perigos que estão escondidos no mundo virtual e que podem ser facilmente acessadas por equipamentos eletrônicos disponíveis para as crianças (PALFREY, 2011). Em relação ao *bullying* digital dados do sítio eletrônico Kids On-line Brasil (2019) mostram que 55% das crianças e dos adolescentes que participaram do levantamento daquele ano já haviam sido tratados de forma ofensiva na internet, seja por amigos ou desconhecidos; além de 43% já terem testemunhado casos de discriminação na internet.

O crescente uso das tecnologias e internet pelas crianças vem sendo amplamente estudado e se justifica pela possibilidade de haver interferências nas relações sociais, visão crítica de mundo e o modo como a identidade individual é construída (BELLONI, 2008; PATRAQUIM et al., 2018). Com essa perspectiva, temos como objetivos entender o que as crianças buscam no ambiente virtual, quais mídias têm acesso, se a relação com as TICs é supervisionada ou mediada pelos pais ou responsáveis, bem como, o que esses responsáveis consideram que lidam bem com estas tecnologias

Metodologia

O trabalho foi pautado em pesquisa descritiva e analisou o acesso as redes e as mídias por crianças do sexto ano, com faixa etária entre 11 e 12 anos, do ensino fundamental de um município do noroeste de São Paulo. Foi buscado verificar como a internet está inserida no cotidiano e em como vem sendo utilizada. A amostra de alunos foi obtida por conveniência e pelo desejo das escolas em participarem da pesquisa. Sendo assim, foi realizada uma análise sobre o padrão de uso das TICs pelos alunos que participaram do presente estudo.

O projeto foi realizado em uma escola de ensino privado e em uma escola estadual, contando com a participação de coordenadoras e professores que auxiliaram na aplicação dos questionários. Os mesmos foram lidos junto com os participantes e cada questão foi explicada de modo acessível para que não houvesse dúvidas sobre o que cada pergunta pedia.

Os questionários aplicados para as crianças e cuidadores foram baseados em um

trabalho publicado por Patraquim e colaboradores (2018) que observou as horas de uso de tecnologias pelas crianças, se havia mediação e/ou monitoramento pelos cuidadores, se havia mídias no quarto da criança, utilização de redes sociais e plataformas afins e acesso a conteúdo adultos – esse conteúdo foi considerado de acordo com a classificação do Ministério de justiça e segurança (BRASIL, 2018), como sexo explícito, violência de forma gráfica e apologia ao uso de drogas. Porém, foi tomado cuidado ao transmitir essa definição aos alunos, utilizando uma linguagem acessível e adequada à idade deles.

Para os responsáveis, como mencionado acima, foram enviados questionário sobre utilização de TICs e, também, um sobre a situação socioeconômica da família, visto que, poderia haver uma influência da categoria socioeconômica e o uso das tecnologias. A coleta foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2019, tanto entre as crianças, nas escolas, quanto com seus cuidadores. Estes últimos receberam o instrumento para ser preenchido via seus filhos.

Os dados obtidos foram analisados de modo quantitativo pelo software PSPP com testes de qui-quadrado de Pearson em que foi considerado relevante todo $p < 0.05$. Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto, que recebeu o parecer nº 3.672.998.

Resultados e discussão

O questionário foi respondido por 67 crianças, com maior aderência dos alunos da escola estadual (60 participantes) o que não permitiu a separação dos sujeitos por escola. A idade média dos participantes foi de 11,7 anos e 52,9% se declaram como sendo do sexo masculino e 47,1% como do sexo feminino. Segundo Paiva e Costa (2015), as atividades recreativas tradicionais como jogos com bola, amarelinha, bonecas, pega-pega têm perdido preferência entre as crianças modernas e dispositivos eletrônicos ganham cada vez mais espaço, o que pode refletir no desenvolvimento cognitivo. Sendo assim, o acesso à internet e a utilização de dispositivos de mídias pelas crianças passou a ser uma questão que necessita de maior atenção.

Em relação ao acesso à internet, 92,6% das crianças responderam que acessam conteúdo online e desses, 94% utilizam o celular/smartfone para esse fim (Tabela 1). Esses dados vão de encontro à pesquisa TIC Kids Online Brasil (2019) que constatou que o aparelho celular é a ferramenta mais utilizada como meio de acesso à rede, atingindo o índice de 95%; e que ocorreu uma queda de 6% na utilização de computadores de 2019 (38%) para 2018 (44%).

Entre estas crianças a queda no uso de computador e tablets pode ser explicada pela liberdade dada pelo celular, assim como, a rápida conexão e comunicação entre pessoas, que pode ser mais valorizada por crianças e adolescentes (NAGUMO, TELES, 2016), e também porque o computador da casa pode ser de uso compartilhado ou esporádico (CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO - CEBRAP, 2021).

Tabela 1 – Frequência absoluta e relativa das respostas das crianças sobre utilização de equipamentos de mídia e tempo gasto em casa.

	<i>f</i>	%
Utiliza computador		
Sim	2	2,9
Não	66	97,1
Faz uso de Tablets		
Sim	2	2,9
Não	66	97,1
Assiste TV com frequência		
Sim	9	13,2
Não	29	86,8
Tempo de uso da internet em dias úteis		
1 a 3 horas	29	50,9
3 a 6 horas	17	29,8
Mais de 6 horas	11	19,3
Tempo de uso de videogame em dias úteis		
1 a 3 horas	31	58,0
3 a 6 horas	9	17,3
Mais de 6 horas	13	24,7
Tempo assistindo TV em dias úteis		
1 a 3 horas	30	57,7
3 a 6 horas	13	25,0
Mais de 6 horas	9	17,3
Tempo de uso da internet aos finais de semana		
1 a 3 horas	22	36,1
3 a 6 horas	18	29,5
Mais de 6 horas	21	34,4

Tabela 1 (cont.) – Frequência absoluta e relativa das respostas das crianças sobre utilização de equipamentos de mídia e tempo gasto em casa.

	<i>f</i>	%
Tempo de uso de videogame aos finais de semana		
1 a 3 horas	19	39,6
3 a 6 horas	10	20,8
Mais de 6 horas	19	39,6
Tempo assistindo TV aos finais de semana		
1 a 3 horas	20	40,8
3 a 6 horas	12	24,5
Mais de 6 horas	17	34,7
Possui mídia no quarto		
Sim	49	74,2
Não	17	25,8
Possui computador no quarto		
Sim	15	23,1
Não	50	76,9
Possui videogame no quarto		
Sim	26	40,0
Não	39	60,0
Possui TV no quarto		
Sim	20	30,8
Não	45	69,2

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Dados obtidos demonstraram que estudantes do sexo feminino dispensam maior tempo consumindo redes sociais que os participantes do sexo masculino (Gráfico 1). Passarelli e colaboradores (2014) também afirmam que a utilização de mídias como fins sociais também é maior entre as crianças e adolescentes do sexo feminino, enquanto entre os indivíduos do sexo masculino a utilização da internet é mais voltada para fins de jogos e downloads. Quando se pensa nos padrões de comportamento e beleza da sociedade atual, isto pode se tornar uma preocupação, visto que, como foi ressaltado anteriormente, as tecnologias possuem a capacidade de moldar a sociedade. A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) de 2015, já trazia dados de que 80% das estudantes que responderam à pesquisa estavam insatisfeitas com

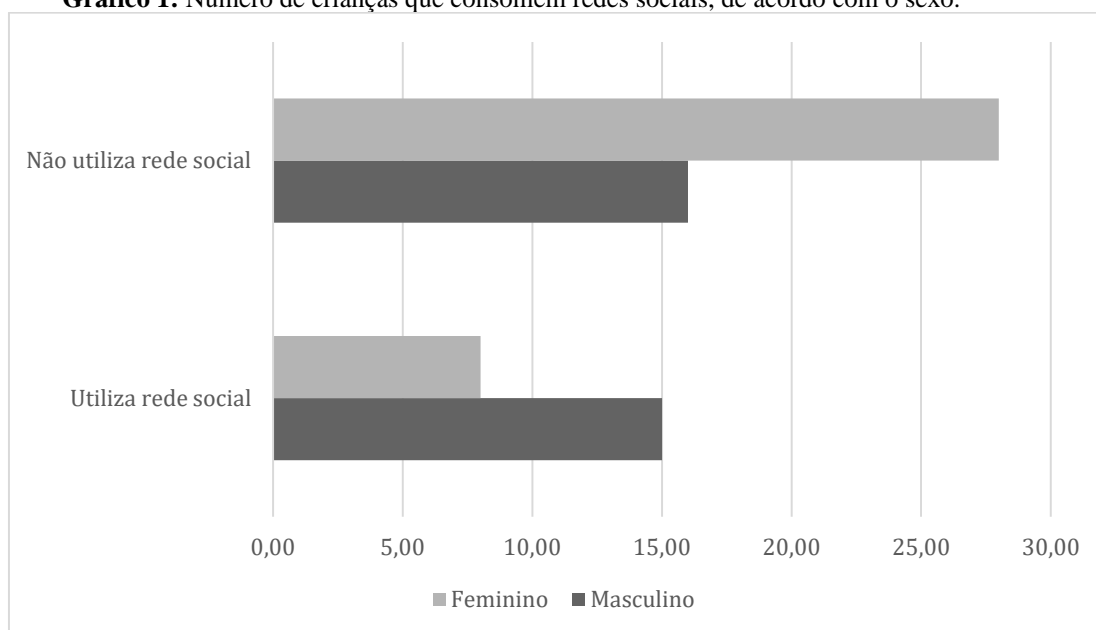
o corpo e 35% desejavam alterar o peso corporal, além de considerarem que a mensagem que o corpo transmitia tinha grande importância.

Tais números podem ser relacionados ao tempo que os alunos passam no ambiente virtual. De acordo com a pesquisa realizada, foi constatado que as alunas ficavam entre 3 e 6 horas online, ou mais de 6 horas, em dias úteis. Enquanto os meninos se encaixaram nos grupos que passavam de 1 a 3 horas na internet. Dessa forma, é possível inferir que as meninas acabam consumindo mais material que são divulgados na internet e em redes sociais.

Essas estudantes, no ambiente de redes sociais, podem acabar mais expostas a conteúdos relacionados a padrões de beleza como a cultura *fitness*, procedimentos estéticos e fatores ligados à exacerbação da vaidade levando ao extremo narcisismo (ABJAUDE et al., 2016; SILVA et al., 2018). Ainda mais com o aumento de pessoas tidas como *influencers* que acabam utilizando essas redes, principalmente o *Instagram*, como ferramenta de divulgação e propaganda de produtos e de estilos de vida (ABJAUDE, et al., 2016). Uma porcentagem alta de crianças respondeu que acompanha algum canal ou *influencer* na plataforma YouTube (82,1%), em diferentes nichos sendo os relacionados a jogos e videoblogues (vídeos sobre o cotidiano de uma pessoa) aqueles com maior número de inscritos entre as crianças da pesquisa.

O sentimento de receio com essa exposição à padronização de corpos e comportamentos tem como a explicação o aumento de casos de ansiedade, insatisfação, frustração e o desenvolvimento de patologias como depressão e transtornos alimentares (LIRA et al., 2017; SILVA et al., 2019) que segundo reportagens jornalísticas estão aumentando pelo uso da rede social (BBC, 2017).

Gráfico 1: Número de crianças que consomem redes sociais, de acordo com o sexo.



Fonte: dados de pesquisa, 2020.

Um outro ponto que merece atenção é a utilização de videogames e jogos por crianças. Essas mídias podem ser utilizadas tanto no ambiente escolar como forma de ensino, ou no ambiente doméstico. Os dados obtidos pela pesquisa mostraram que as crianças do sexo masculino passam mais tempo utilizando jogos e videogames, cerca de 73% dos indivíduos desse grupo responderam que jogavam, no universo de todos os participantes esse número representa 55,5% dos participantes do estudo (TABELA 1). Essa porcentagem se aproxima da obtida por estudos realizados em que foi mostrado que cerca de 78% dos lares de crianças possuem games como uma atividade significativa (PASSARELLI et al., 2014).

O mesmo número de participantes que declarou que possuem videogames, também,

afirmaram que o aparelho ficava no quarto, em um ambiente restrito em que a mediação pelos cuidadores pode ser prejudicada caso não consiga acompanhar o que a criança está jogando. Há estudos que demonstram que jogos, de modo geral, podem estar relacionados ao desenvolvimento da coordenação motora, reflexo e processos cognitivos. Porém, por serem elementos lúdicos e de fácil acesso, essas mídias podem influenciar no comportamento e na formação da cultura dessas crianças. Além do risco de causarem ataques epiléticos, distúrbios no sono e alterações musculoesqueléticas (ALVES; CARVALHO, 2011; COTONHOTO, ROSSETTI, 2016), além do contato com desconhecidos que possam estar jogando junto com a criança, o que requer maior atenção dos cuidadores em relação à interação das crianças com outros jogadores, além da escolha do que a criança está jogando (SCHWARTZ; PACHECO, 2021).

A maior parte dos cuidadores declarou que vistoria o acesso da criança e que se considera um bom usuário das TICs, porém, quando os métodos foram questionados esse quesito não ficou claro como ocorre a mediação, visto que, a porcentagem de pais que observam a classificação indicativa, observa o conteúdo com a criança ou utilizam softwares de controle ficou muito próxima da porcentagem de cuidadores que não têm tais ações (Tabela 2).

Tabela 2 – Frequência absoluta e relativa das respostas dos pais e ou responsáveis das crianças.

	<i>f</i>	%
Vistoria acesso da criança à internet		
Sim	21	91,3
Não	2	8,7
Criança acessou conteúdo adulto		
Sim	10	43,5
Não	12	52,2
Não sei	1	4,3
Observa as redes sociais da criança		
Sim	10	56,5
Não	13	43,5
Uso de aplicativo para controlar o acesso		
Sim	4	17,4
Não	19	82,6
Observa a classificação indicativa		
Sim	5	21,7
Não	18	78,3

Tabela 2 (cont.) – Frequência absoluta e relativa das respostas dos pais e ou responsáveis das crianças. (cont.)

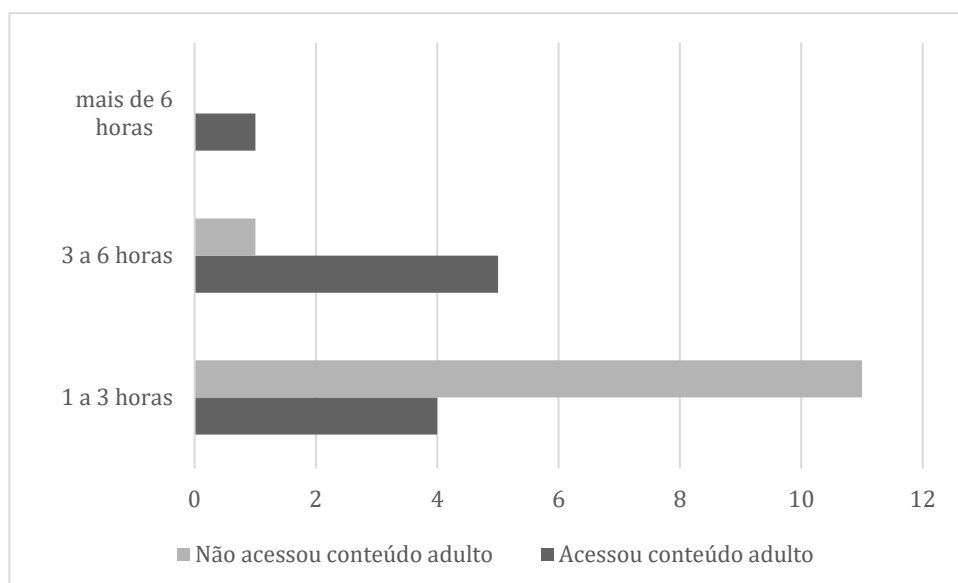
	<i>f</i>	%
Assisto junto com a criança		
Sim	10	43,5
Não	13	56,5
Criança possui acesso à internet a todo momento		
Sim	16	69,6
Não	7	30,4
Considera que entende as mídias		
Sim	13	56,5
Não	3	13,1
Mais ou menos	5	21,7
Sem resposta	2	8,7

Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Estudos realizados sugerem que o uso sem regras ou mediação por pais ou cuidadores podem causar riscos para o desenvolvimento físico e psíquico da criança; além de poder interferir nas relações interpessoais e comprometer o rendimento escolar. Sendo necessário haver horários determinados e regras estabelecidas entre as crianças e seus responsáveis (PAIVA; COSTA 2015). Portanto, contando com a utilização cada vez mais cedo de TICs por crianças, é preciso que os cuidadores estejam atentos ao conteúdo e preparados para mediar o que a criança está acessando e a ajuda a diferenciar aquilo que virtual ou real, ajudando a compreender as mensagens e estimulando o raciocínio crítico em relação ao conteúdo que está no ambiente virtual. Por esse motivo foi perguntado aos cuidadores se eles vistoriavam/mediavam o que as crianças acessavam e como faziam esse processo. Sendo mediação as práticas e ações dos cuidadores como forma de auxiliar as crianças na utilização segura das tecnologias (MAIDEL, VIEIRA; 2015).

Como é possível observar na Tabela 2, o número de crianças que possui acesso à internet a todo momento é considerável. Dessa forma, a mediação parental pode acabar prejudicada pelo longo período que a criança pode estar fazendo uso de mídias e nem sempre ter um cuidador próximo ou presente para que haja observação e diálogos sobre o que é acessado. O trabalho acabou constatando que 43,5% dos cuidadores observaram que as crianças tiveram acesso a conteúdo considerado adulto. Porém, foi observado que as crianças que mais tiveram acesso a conteúdo adulto (Gráfico 2) estão no grupo que os cuidadores dispensaram maior tempo no ambiente virtual em dias úteis ($\chi^2=6.81$, $p=0,033$). É importante ressaltar que os pais podem fazer o uso da internet para trabalho, porém, esse período pode ser utilizado pela criança para acessar conteúdos inapropriados para a idade.

Gráfico 2: Relação entre o número de horas que os cuidadores passam na internet e o acesso que as crianças tiveram a conteúdo adulto



Fonte: dados de pesquisa, 2020.

Os cuidadores, pais ou responsáveis são, na maior parte das vezes, os indivíduos que fornecem dispositivos eletrônicos e proporcionam o acesso da criança à internet, presenteando com celulares, notebooks e videogames (SAMPAIO; CAVALCANTE, 2017). Uma forma de tentar amenizar os efeitos negativos que as TICs podem causar no desenvolvimento infantil é pelo processo de gestão parental, conhecido pela expressão “mediação parental”, como forma de evitar a exposição demasiada e de regular o acesso à internet (LIVINGSTONE; HELSPER, 2008; MAIDEL; VIEIRA, 2015; SAMPAIO; CAVALCANTE, 2016).

Compreender que as crianças usam seus pais e cuidadores como modelos, é fundamental para a mediação ocorra de forma efetiva, sendo assim, é necessário que elas tenham um tempo gasto com atividades fora e dentro da internet com a participação ativa dos cuidadores, como forma de estimular diálogos e discussões para que a criança seja estimulada a compartilhar seus interesses, a utilizar a rede de forma segura e saudável (PATRAQUIM et al. 2018).

Considerações finais

O trabalho demonstrou que as crianças, que o smartfone/celulares se tornaram o principal meio para acessar a internet, contudo, por ser um dispositivo portátil a mediação parental pode acabar mais prejudicada do que o uso em um aparelho com pouco mobilidade, como um microcomputador. Ainda, foi visualizado que a televisão está caindo em desuso e dando lugar a outras mídias como programas de streaming, internet e aparelhos de telefonia móvel. As redes sociais são acessadas em grande parte por um público feminino, enquanto jogos possuem mais procura pelo sexo masculino, ou seja, ambos os sexos utilizam essa mídia como forma de lazer e para se relacionar com outras pessoas.

Este trabalho se torna necessário por somar na tentativa de saber o que as crianças estão buscando e acessando na internet, principalmente na fase de transição para a adolescência, a fim de melhor mediar a relação delas com as TIC, cuidando da privacidade e impedindo que se coloquem em situações de risco ou vulnerabilidade. Além de servir como um estímulo para que esse tema seja trazido como discussão e debate tanto nas escolas como nas famílias e

comunidades, visto que, as tecnologias são um componente importante na sociedade em que vivemos e utilizá-las de forma segura e consciente é algo imprescindível para a segurança e para o desenvolvimento das crianças.

Referências

- ABJAUDE, Samir Antonio Rodrigues; PEREIRA, Lucas Borges; ZANETTI, Maria Olivia Barboza *et al.* **How do social media influence mental health?** Ribeirão Preto: SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. v.16, n. 1, p. 1-3, 2020.
- ABRÃO, Ruhena Kelber; ABRANTES, Daniela Ribeiro; BEIERSDORF, Daiane dos Santos. **A constituição da infância permeada pelo contexto social, mídia e brinquedo.** Florianópolis: Zero-a-seis, v. 17, n. 31, p. 79-90, jan./jun. 2015.
- ALVES, Luciana; CARVALHO, Alysson Massote. **Videogame: é do bem ou do mal? Como orientar pai.** Maringá: Psicologia em estudo, v. 16, n. 2, p. 251-258, abr./jun. 2011.
- ARIÈS, Phillipe, **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1ª edição, 1981.
- BBC – BRASIL. **Instagram é considerada a pior rede social para saúde mental dos jovens, segundo pesquisa.** [Online], 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-40092022>>. Acesso em 19 de julho de 2021.
- BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. **Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração.** Campinas: Educ. Soc., v. 29, n. 104 – especial, p. 717 – 746, out, 2008.
- BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências.** Brasília/DF: Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, 1990.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas.** São Paulo: Loyola, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 8ª edição, 2005.
- CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO – CEBRAP. **Dinâmicas de gênero no uso das tecnologias digitais um estudo com crianças e adolescentes na cidade de São Paulo.** São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebap, 2021. Disponível em: <<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20210312095947/dinamicas-de-genero-no-uso-das-tecnologias-digitais.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2021.
- CETIC.BR. [Kids Online Brasil] **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids On-line Brasil, 2019.** Disponível em: <<https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores>>. Acesso em 20 de julho de 2021.
- COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto. **Práticas de jogos eletrônicos por crianças pequenas: o que dizem as pesquisas recentes?** São Paulo: Revista psicopedagogia, v. 33, n. 102, 2016.
- FISHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade** [tese]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10281>>. Acesso em: 07 de março de 2021.
- GOMES, Paola Basso Menna Barreto. **Mídia: imaginário de consumo e educação.** Campinas: Educ. Soc., v. 22, n. 74, p. 191-207, 2001.
- LIRA, Ariana Galhardi; GANEN, Aline de Piano; LODI, Aline Senhorini *et al.* **Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes**

- brasileiras.** Rio de Janeiro: J. bras. psiquiatr., v. 66, n. 3, p. 164-171, Sept. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852017000300164&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 julho de 2021.
- LIVINGSTONE, Sonia; HELSPER, Ellen. **Parental mediation and children's Internet use.** [online] Journal of Broadcasting and Eletronic Mediam, v. 52, n. 4, p. 581-599, 2008.
- MAIDEL, S.; VIEIRA, M. L. **Mediação parental do uso da internet pelas crianças.** Belo Horizonte: Psicol. rev. [on-line], vol. 21, n. 2, p. 293-313, 2015.
- MENEZES, Sandra Maria Moreira. **Adultização da infância pela mídia: uma leitura sócio-histórica.** Revista Psicologias, v. 2, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/psi/article/view/269> >. Acesso em: 20 de julho de 2021.
- NAGUMO, Estevon; TELES, Lucio França. **O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos.** Brasília: Rev. Bras. Estud. Pedagog., v. 97, n. 246, p. 356-371, 2016.
- OLIVEIRA, Adriana Rosmaninho Caldeira; SANTOS, Hitalla Fernandes. **Uma viagem à construção da infância numa perspectiva da psicologia social crítica: uma revisão de literatura.** Sorocaba: Laplage em Revist, v. 4, n. 1, p. 36-49, jan.-abr. 2018
- PAIVA, Natália Moraes Nolêto; COSTA, Johnatan da Silva. **A influência da tecnologia da infância: desenvolvimento ou ameaça?** Teresina: Psicologia.pt – o portal dos psicólogos, v. 1, p. 1-13, jan./2015.
- PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo as primeiras gerações dos nativos digitais.** Porto Alegre: Artmed, 2011.
- PASSARELI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antonio Helio; ANGELUCI, Alan César Belo. **Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas.** São Paulo: Matrizes, v. 8, n. 1, p. 159-178, 2014.
- PATRAQUIM, Cláudia; FERREIRA, Sara; MARTINS, Helder *et al.* **As crianças e a exposição aos media.** Porto: Birth and growth medical jornal, v. 27, n. 1, p. 11-21, 2018.
- PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR (PeNSE), Ministério da saúde, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2021.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Grafhia, 1999.
- SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino; CAVALCANTE, Andrea Pinheiro Paiva. **Mediação do acesso de crianças à comunidade mercadológica.** In: BARBOSA, Alexandre F. (org.). TIC Kids Online Brasil: Pesquisa sobre o uso de internet por crianças e adolescentes no Brasil, 2016. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, p. 61-67, 2017.
- SCHWARTZ, Fernanda Tabasnik; PACHECO, Janaína Thais Barbosa. **Mediação parental na exposição às redes sociais e a internet de crianças e adolescentes.** Rio de Janeiro: Estud. Pesqui. Psicol., v. 21, n. 1, p. 217-235, 2021.
- SILVA, Alana Vieira; PINTO, Fernanda Sales; SILVA, Marta Lorena Bezerra *et al.* **A influência do Instagram no cotidiano: possíveis impactos do aplicativo em seus usuários.** XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, São Luís/MA, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0490-1.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2021.
- VARELA, Cristina; MELO, Sonia Maria Martins. **Educação sexual, crianças e mídias: algumas reflexões.** Araraquara: Revista Ibero-americana de estudos em educação, v. 20, n. esp. n. 2, 2015.